

Exu para quem “*queer*”

Juliana NASCIMENTO¹

¹Consultório particular. São Paulo/SP, Brasil.

Resumo

O presente trabalho fez uma aproximação entre a divindade afro-brasileira denominada Exu e a teoria *queer*. A correlação se dá por meio de temas míticos que essa divindade protagoniza dentro das tradições yorubá/nagô e banto, bases mitológicas que servem de palco para o imaginário de religiões desenvolvidas em solo brasileiro, a umbanda e o candomblé, e os escritos da filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler sobre a teoria *queer*. As aproximações acontecem pela irreverência, transgressão, pelo caráter marginal e de denúncia aos preconceitos que a ordem social vigente deposita em minorias excluídas. Tanto essa teoria quanto essa divindade carregam esses traços e esses propósitos em suas bases.

Descritores

Mitologia, imaginário, transgressão, grupos minoritários, sociedades, gênero.

Conflito de interesses:

A autora declara não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.



Recebido: 01 mar 2025; Revisão: 25 abr 2025; Nova revisão: 02 maio 2025; Aprovado: 19 maio 2025; Aprovado para publicação: 28 out 2025

Exu for Whom “Queer”

Abstract

This article draws a connection between the Afro-Brazilian divinity known as Exu and *queer* theory. The connection is developed through the mythic themes this divinity embodies within the Yoruba/Nagô and Bantu traditions, mythological foundations that underwrite the imaginary of religions developed on Brazilian soil, Umbanda and Candomblé, and through the writings of the U.S. post-structuralist philosopher Judith Butler on *queer* theory. The points of contact lie in irreverence, transgression, marginality, and in calling out the prejudices that the prevailing social order directs at excluded minorities. Both this theory and this divinity carry these traits and aims at their core.

Descriptors

Mythology, imaginary, transgression, minority groups, societies, gender.

Exu para quien “*queer*”

Resumen

Este trabajo realizó una aproximación entre la divinidad afrobrasileña denominada Exu y la teoría *queer*. La correlación se desarrolla por medio de temas míticos que esta divinidad protagoniza dentro de las tradiciones yorubá/nagô y banto, bases mitológicas que sirven de escenario para el imaginario de religiones practicadas en suelo brasileño, la umbanda y el candomblé, y los textos de la filósofa posestructuralista estadounidense Judith Butler sobre la teoría *queer*. Las aproximaciones se dan por medio de la irreverencia, la transgresión, por el carácter marginal y de denuncia de los prejuicios que el orden social vigente atribuye a las minorías excluidas. Tanto esta teoría como esta divinidad llevan estos trazos y estos propósitos en sus bases.

Descriptor

Mitología, imaginario, transgresión, grupos minoritarios, sociedades, género.

Introdução

Se não fosse falar de Exu e da teoria *queer* deveria começar me desculpando por tamanho atrevimento, mas até onde avancei com minhas pesquisas parece que uma das premissas básicas, tanto dessa divindade quanto do pensamento que leva o nome de teoria *queer*, é justamente o atrevimento. Logo, invisto-me de coragem e de “ginga” suficientes para dizer que este trabalho tem a pretensão de fazer uma aproximação entre a divindade afro-brasileira denominada Exu e a teoria *queer*. Para alinhar esses mundos vou contar com as bases teóricas da psicologia analítica.

Jung encontrou em seus estudos de mitologia e religião o material de apoio para desenvolver e aprofundar a descoberta do inconsciente coletivo, a maior de suas contribuições, segundo ele mesmo. Para Jung, o inconsciente coletivo seria habitado por arquétipos, formas arcaicas de conteúdos vivos, que se expressam autonomamente e não podem ser manipulados à revelia pela vontade consciente, pelo contrário, seriam “entidades vivas que exercem sua força de atração sobre a consciência” (Jung, 1928/1987, p. 20). A expressão maior dessas entidades seriam as figuras míticas de deuses e deusas. A psicologia analítica traz a compreensão de que as religiões e a psicologia comungam da mesma e única fonte, a alma. De certa forma, quando buscamos compreender a base arquetípica de um pensamento, ideia ou comportamento, estamos buscando por um deus ou deusa. A aposta presente neste texto sugere que Exu fornece base arquetípica para o pensamento *queer*.

Apoiada nessa compreensão, tenho a intenção de costurar Exu com *queer*, de casá-los ou, pelo menos, promover esse encontro, apresentando um ao outro, na aposta que formariam um lindo e interessante casal. Lindo, claro, aos olhos de quem vê. Que a psicologia das imagens vivas nos sirva de agulha e linha e ajude nessa costura.

Pela simples aproximação com essa temática, sinto-me confusa, desorientada, desordenada. Antagonismos e idiosincrasias nas reflexões são as sensações que me acometem no momento em que tento organizar o pensamento para escrever sobre os temas propostos. Devires são plenos de *contra sensu*. À medida que vou me atrevendo e permitindo que essas sensações me atravessem também começo a perceber que talvez seja justamente isso que causa a aproximação com esses territórios, o território de Exu e o território *queer*.

Na língua inglesa o termo “*queer*” significa literalmente: estranho, ridículo, esquisito e, ou mesmo, extraordinário. Inicialmente passou a ser sinônimo de designar pejorativamente a comunidade

homoafetiva. Uma espécie de ofensa. Contudo, numa virada de atitude diante do termo, e até mesmo aproveitando para criticar o próprio ambiente gay da época – que, na tentativa de fazer parte da sociedade heteronormativa, acabou por assumir uma certa “asepsia” de traços ditos “afeminados” para homossexuais masculinos e “masculinos” para homossexuais femininos (causando uma espécie de higienização de identidade) –, surge uma nova forma de reivindicar e de marcar a própria posição marginal, valendo-se de comportamentos que tentam tanto confundir como denunciar as incoerências da ordem social vigente. Foi assim que esse grupo reivindicou o termo “*queer*” para si e fez da transgressão sua marca.

A teoria *queer* começou a ser formulada em meados da década de 1980 e início da década de 1990, período em que houve o maior surto da epidemia causada pelo vírus HIV, com a AIDS passando a ser nomeada por muitos como a “praga gay”. O movimento *queer* seria então uma resposta às reações violentas e preconceituosas dos defensores da cultura hétero. Foi urgente e pungente a necessidade de questionar a normalidade sexual e a legitimidade atribuída à heterossexualidade (Salih, 2015).

Questionar a normalidade... Bom, começamos aqui a aproximação com Exu. Mas antes, precisamos discriminar melhor essa divindade. Exu faz suas aparições no Brasil em terreiros de umbanda e de candomblé. Muito embora essas duas religiões nascidas em solo brasileiro dividam a mesma ancestralidade cravada em solo africano, na umbanda, por existir em sua formação maior influência do cristianismo e da doutrina espírita kardecista, Exu é visto como a alma de indivíduos desencarnados que durante a vida encarnada cometeram muitos excessos, transgrediram e até fizeram o mal, mas que, depois de mortas, essas almas arrependem-se e, com o intuito de se desenvolver e evoluir no plano espiritual, resolvem trabalhar e servir a um plano superior, assumindo assim obrigações de auxílio e proteção com os vivos necessitados que as procuram para consultas e trabalhos mágicos. Na umbanda, Exu é uma entidade de falange que assume muitos nomes ou epítetos, individuando e particularizando a energia que emana. Já o candomblé distingue-se da religião umbandista por trabalhar com divindades ditas orixás, deuses e deusas que são manifestações puras de energia da natureza, personificando e expressando essas forças. Os orixás do candomblé aproximam-se mais dos cultos de origem africana, sofrendo menos influência de outras religiões. Nesse contexto, Exu é visto como um orixá com características próprias, é a divindade dos começos, do movimento, o pulso da vida. Tudo que está vivo, deve reverência a esse Orixá. Exu é *mojubá*.

Exu exerce seu poder e governa o “povo da rua”, pessoas e personagens que são vistos e mantidos, pela ordem vigente, à margem da sociedade. Seus filhos são bêbados, malandros, prostitutas e pessoas em situação de rua. São tidos como amorais, perigosos, maldosos, trapaceiros. Exu tem características ambíguas, uma vez que tanto pode receber atributos destruidores e ofensivos como protetores e defensivos. Seu culto é realizado preferencialmente em encruzilhadas ou na entrada das casas e dos terreiros. Fato é que Exu reina sobre os espaços abertos e habita da “porta pra fora”, não se colocando sob um teto ou rodeado por paredes: “a sua casa não tem parede, não tem janela e não tem nada, aonde é que ele mora? Exu mora na encruzilhada”, canta um dos seus pontos.

Metaforicamente essa divindade pode ser compreendida como aquela que não tem margem ou bordas. Exu fica do lado de fora, nos pontos de intersecção, nos espaços entre mundos, como coloca Silva:

os nomes de Exu fazem referência a pontos de passagem, ou limítrofe (encruzilhada, porteira, rua), a espaços ou estados de intercessão entre o mundo dos vivos e dos mortos (cemitério, catacumba, caveira), a estados intermediários de incidência de luz (sombra, madrugada), aos seres híbridos (meio humano, meio animal), à duplicidade e à alternância das coisas (. . .) (Silva, 2015, p. 66).

Seres da sombra, seres que vivem longe da luz, que não são vistos com nitidez. Lucidez e clareza não são parte dos atributos de Exu e nem do povo que ele protege e representa.

Paralelo interessante com o pensamento *queer*. Como já foi ressaltado, *queer* é aquilo que não “cabe”, que fica à margem, sustenta e reivindica essa posição. Faz parte do pensamento *queer* manter a incoerência em relação aos paradigmas vigentes, atitudes que são marcadas pela anormalidade de sua postura. É sobretudo um movimento social e político que pretende dar voz às minorias. É identificado pela irreverência, espanto, transgressão. Como se denunciasse a anormalidade dentro da norma. A irreverência *drag* é um dos exemplos.

No nível das ideias, a norma do pensamento vigente ganha *status* de verdade, determina os comportamentos, dita a maneira como o indivíduo deve se portar e representar o seu papel social. A norma vigente passa a ser entendida como normal, dita a normalidade. Aquilo que denuncia a incoerência dentro da verdade absoluta, representada por essas normas de conduta, o faz ao apresentar outras formas de imaginar e se comportar. Esses

“desviantes” quase sempre carregam a marca da marginalidade e, invariavelmente, são vistos à “meia-luz”, são pouco iluminados pela consciência. Os padrões normativos ditam as regras e a melhor conduta, governam as leis e detêm o poder, estão em evidência, iluminados na consciência social coletiva, estão nítidos, e com isso têm o monopólio da razão. A razão é o que brilha na consciência, é o que ilumina o intelecto. No ego, a consciência social coletiva está do lado de quem detém a norma, quem detém a norma é quem detém o poder, é quem manda, e quem manda somente vê com nitidez aquilo que sua própria razão ilumina. A alma é confinada quando as certezas se instalam.

Ocupar a posição *queer* corresponde a pensar, escrever e se comportar procurando a incoerência e a ambivalência, denunciando o ridículo dentro da norma, já que é “transgressão produzida por gesto político de afirmação das diferenças e de inscrição dos corpos estranhos nos cenários contemporâneos; gesto que confere visibilidade aos invisíveis, realçando os ‘estranhos internos à sociedade’ (Butler, 1990, 1991; Louro, 2001, 2004; Miskolci, 2009). Mas não só” (Pereira, 2012, p. 385).

Exu também não suporta a suposta harmonia causada pela unanimidade do pensamento que detém a norma, para ele toda unanimidade é burra e, neste momento, nos auxilia trazendo uma lenda que serve como imagem para demonstrar o ridículo, a violência, a intransigência e a pequenez da personalidade que reivindica a verdade absoluta, que tem certeza. Conta a lenda que um dia Exu viu dois amigos que concordavam em tudo, ficou muito incomodado e quis trazer a discórdia. Vestiu um boné de duas cores, de um lado vermelho e do outro branco. Passou no meio dos dois amigos, que estavam trabalhando um de cada lado da estrada. Sorriu alegremente e cumprimentou com largo sorriso os amigos. Assim que passou, os homens começaram a conversar e um deles comentou: “viu só que rapaz simpático esse que passou com boné vermelho?” O outro respondeu: “vi, sim! Muito simpático, mas seu boné era branco!” O outro ficou furioso e disse: “o boné era VERMELHO!” O outro ainda mais nervoso: “BRANCO!!!” E assim continuaram se exaltando, até que se mataram por não suportarem a divergência e não conseguirem entrar em um acordo para coexistirem na diferença (Verger, 1985/2011).

Essa lenda, ou *itan*, nos lembra da importância de levar em consideração o “ângulo” por onde se está fazendo uma afirmação. Fala muito de considerar o lugar de fala que cada um habita, fala de diversidades de olhares e caminhos, revela que o ponto de vista é que é o ponto da questão.

Essa passagem também nos conta do lugar que Exu governa e habita: a encruzilhada. O próprio lugar da discórdia. Ponto de

intersecção e ligação entre todos os caminhos, mas também lugar de confusão, bagunça e desordem. No imaginário popular e mesmo na concretude dos fatos, os cruzamentos servem como depositário de atributos que a sociedade ocidental considera desviantes ou reprova de alguma forma, são nas encruzilhadas que ficam os pontos de prostituição, tráfico de drogas; é onde o bueiro entope e o trânsito costuma emperrar. Em contrapartida, psicologicamente, são nas “encruzilhadas da vida” onde somos tomados por angústias e nos deparamos com aspectos em nós que não são tidos como nobres e valorosos pelo ego; é na encruzilhada que nossa sombra nos espera para reconhecimento daquilo que foi reprimido sem nos enganarmos por meio de racionalismos (Hillman, 1984). São momentos em que precisamos escolher novos sentidos e encarar nossas anormalidades, momentos de crise onde corremos o risco de sermos corrompidos e nos perdermos de nós mesmos ou de nos transformarmos naquilo que realmente somos. Quando o ego encontra Exu, somente pode ser a encruzilhada.

Assim como essa divindade, o pensamento *queer* trabalha para denunciar as anormalidades de cada um que se diz normal, em termos práticos de pensamento e escrita, chega à máxima de não fechar com conceitos, mantendo o pensamento sem resolução, em aberto, suportando e atravessando a angústia de viver sem bordas. De se manter na encruzilhada das idéias. Segundo Sara Salih, a pensadora *queer* Judith Butler:

(. . .) vê a resolução (do pensamento) como perigosamente antidemocrática, pois ideias e teorias que se apresentam como “verdades” autoevidentes são, com frequência, veículos para pressupostos ideológicos que oprimem certos grupos sociais, particularmente as minorias ou os grupos marginalizados (Salih, 2015, p. 13).

Minorias e grupos marginalizados, povo da rua, povo de Exu

Por essa capacidade de comunicar e trazer à tona aquilo que não tem voz, conhecendo a linguagem daqueles que são marginais, Exu também é por excelência o orixá da comunicação e da fala. É ele quem promove os diálogos, deve ser sempre o primeiro a ser “chamado”, sendo o primeiro orixá a receber oferendas e a ser evocado. Sem a sua presença e seu consentimento, nada será comunicado. Os astutos sabem que a discórdia deve ser a primeira convidada, não nos esqueçamos das núpcias de Cadmo e

Harmonia.¹. Violência e guerra são sempre consequências de espaços em que a possibilidade de discordar não é admitida. O fascismo é o lugar onde Exu não é bem-vindo.

Outras regências derivam da associação de Exu com a fala e a comunicação. Essa divindade, por reger as trocas e o comércio, é patrono dos comerciantes e também dos malandros. Muitos são os *itans* que ressaltam essas características é um dos mais didáticos fala sobre a atribuição de conhecer todos os idiomas. Esse é um mito que vem da tradição *fon-ewe* e conta que, na origem do mundo, o par primordial da criação, Mawu-Lisa, tiveram cinco partos, dos quais nasceram: os gêmeos Dada Zodzi e Ananu; Sogbo; os gêmeos Agbe e Naéte; Aguê e Gu. Em sequência tiveram mais um parto, o sexto, em que nasceu somente o ar da atmosfera, propiciando dar a vida aos homens. Ao distribuir os domínios entre seus filhos, coube ao primeiro casal o domínio e o comando da terra. O segundo filho, Sogbo, recebeu o céu como reino. Os próximos gêmeos receberam o mar e o controle das águas. Ao filho chamado Ague, coube as matas e com isso ele se tornou um caçador. Gu, que tinha no lugar da cabeça uma espada, recebeu o atributo de produzir ferramentas e armas. Junto com os domínios, cada um recebeu também uma linguagem própria, respectiva aos reinos que herdaram. Mas o casal ainda teve mais uma gestação, a sétima, e dessa veio ao mundo Legbá/Exu. Como não havia mais reinos para distribuir, Exu ficou sem domínio, mas, em compensação, foi-lhe permitido atuar sobre todos os reinos e conhecer todas as linguagens. Assim, passou a ser o mensageiro e tradutor, intermediário entre os deuses e os seres humanos e é por isso que todos que querem ser ouvidos, compreendidos e atendidos pelos deuses devem antes, e em primeiro lugar, dirigir-se a Exu (Silva, 2015).

Sobre a característica de malandro, Verger escreve:

Exu é o mais astuto de todos os orixás.
Ele aproveita-se de suas qualidades para provocar mal-entendidos e discussões entre as pessoas ou para preparar-lhes armadilhas.
Ele pode fazer coisas extraordinárias como, por exemplo, carregar numa peneira o óleo que comprou no mercado, sem que esse óleo se derrame desse estranho recipiente! (Verger, 1985/2011, p. 13).

O “malandro” é personagem recorrente nas literaturas e mitologias ao longo do mundo. Chamamos essa categoria de *trickster*. Os

¹Referência ao mito de Cadmo e Harmonia que, ao se casarem, esquecem de convidar a deusa Éris, a discórdia. Em razão dessa falta, tem início a disputa entre as deusas Atená, Hera e Afrodite pelo pomo de ouro. Dessa disputa resulta a guerra de Tróia.

deuses *tricksters* são aqueles que se encontram entre o bem e o mal, normalmente são agentes de transformação e questionamento, instalam uma nova ordem por meio da desordem. Muitas vezes, sustentam também o atributo de deuses mensageiros, que governam as estradas, e são responsáveis pelo transporte e fluxo de ideias, pessoas e seres vivos, literal ou metaforicamente.

Dentro do panteão greco-romano, o deus que carrega esses atributos é Hermes. Muitas passagens em sua mítica fazem menção a suas características *tricksters*. Hermes já nasceu aprontando, curiosamente, com seu irmão por parte de pai, Apolo. Apolo é o deus do comedimento, das leis e da justiça. É quem conduz o astro Sol, senhor da luz, da clareza, da lucidez, da razão. Consequentemente, por possuir todos esses atributos, Apolo sempre sofre nas mãos de Hermes, Eros e Dionísio, cada um com particularidades e propriedades que desafiam a ordem. Pois bem, eis que Hermes quando nasceu, ainda de cueiros, roubou, ou “apropriou-se indevidamente”, do gado de Apolo. No momento do sequestro, fez com que todo o rebanho andasse de costas para despistar o irmão. Por ser também o senhor dos oráculos, não foi difícil para Apolo descobrir quem havia roubado o gado, sabia que tinha sido o irmão caçula, e foi ter com o pai. Zeus, ao saber de tal travessura, mandou chamar imediatamente o recém-nascido. Hermes se apresentou de cueiros e ainda tentou persuadir seu pai dizendo que era apenas de um bebê. Zeus não arredou pé, pois sabia que tinha sido ele o tal ladrão. Pressionado, Hermes acaba por confessar o crime. Seu pai exige então que ele faça o seguinte juramento: “Hermes, meu filho, prometa-me que nunca mais você vai mentir”. E assim o filho prometeu. Prometeu nunca mais mentir, mas, ao sair de fininho, repetiu baixinho para que o pai não ouvisse: “mas, também não me comprometo a dizer sempre a verdade”. Naquele momento surge na consciência o “espaço entre”, um lugar intermediário que fica ali, no espaço entre a verdade e a mentira. O lugar das negociações, dos mercados, a encruzilhada e os caminhos, tudo isso é também território de Hermes.

Outro deus grego próximo a Exu e ao pensamento *queer* é Dionísio. Deus do carnaval, do arrebatamento, do vinho e da sexualidade pervertida, dos bacanais, do êxtase. Sua aproximação com Exu e a teoria *queer* se dá justamente pela sexualidade e pela *performance* de transgredir ao gênero, como o *drag*. No carnaval, os homens vestem-se de mulher e as mulheres, de homem. A transgressão, os excessos e o descomedimento são atributos de Dionísio e de suas festas. Dionísio também tem características andróginas, certamente é *queer*.

Porém, em relação a esses dois deuses latinos, Hermes e Dionísio, gostaria de ressaltar aquilo que acho o maior atributo *queer* de Exu

em comparação aos deuses do panteão greco-romano: sua cor. Exu é preto, Hermes e Dionísio são europeus e, apesar de questionarem a ordem na cultura da qual são provenientes, suas sociedades colonizaram o mundo e, assim, instalaram a ordem vigente. São brancos, cultos e clássicos aos olhos da academia que tanto escreveu sobre eles. Ainda que transgridam, participam da hegemonia ariana do pensamento de uma forma muito mais conciliável do que uma divindade vinda da África, que se desenvolveu na América Latina, terra dos colonizados.

Para entrar mais especificamente na questão da imposição heteronormativa e do “engessamento” pelo qual os indivíduos são submetidos a partir dos órgãos que definem seu sexo, gostaria de introduzir uma teórica da psicologia arquetípica chamada Patricia Berry. Em um texto que leva o título de “O Dogma do Gênero”, Berry (2014) argumenta o quanto nos utilizamos desse construto social chamado gênero, para nos refugiarmos da angústia e controlarmos nossos desejos. Enquadrar o sujeito dentro de um gênero é uma tentativa de mantê-lo alinhado. Uma tentativa de proteção contra aquilo que sempre nos arrebatava e nos deixa perplexos, nossas pulsões sexuais. Aceitar os limites do gênero, admitir e responder de forma condizente com as características atribuídas ao gênero ao qual o sujeito responde, por ter uma vagina ou um pênis, agrega além de uma identidade, contornos, proteções e limites para lidar com a sexualidade. Tentativa paliativa e frustrada, na perspectiva da autora:

Mas, em seu nível mais profundo, onde a sexualidade toca a base do ser, não traz ela contradições inesperadas, momentos surpreendentes, sentimentos peculiares? Não temos, todos nós, em algum momento, nossas confusões com respeito à sexualidade? - de onde ela vem, o que quer, para onde foi? Alinhar tudo isso seria não entender nada. A sexualidade é o inesperado. Por meio dela, a consciência mergulha mais fundo no corpo e em bases mais misteriosas (Berry, 2014, pp. 63-64).

Berry (2014) ressalta ainda em seu texto que a fantasia da psicologia sobre a primeira infância, é repleta de “coisas” sexuais, variedades de formas e sensações, anais, orais, genitais, prazeres que não são atribuídos a um gênero específico:

A identificação de gênero ocorre somente mais tarde. Antes de nos fixarmos como pequenos machos e pequenas fêmeas, somos perversamente polimorfos, tarados e sexuais em tudo; cada parte do corpo está envolvida, num momento ou noutro, em uma ou outra forma de erotismo (Berry, 2014, p. 49).

Essa é uma denúncia e uma transgressão que Exu compartilha com Berry e a teoria *queer*. A limitação do gênero também não dá conta de enquadrar essa divindade, aqui mais uma vez controverso, não submetido às delimitações do sexo. Apesar de na maioria das vezes ser representado por uma estatueta com a cabeça em forma de falo ou que sustenta um enorme falo em uma das mãos, denominado ogó, existem relatos de representações desse deus em forma de fêmea, sugerindo também atributos femininos: “entretanto, conforme informa A. B. Ellis (1890, p. 41), Exu pode ser representado por uma figura feminina, provida de seios longos e pontudos e outros acessórios necessários” (Silva, 2015, p. 76).

Já no universo umbandista, Exu também ganha uma variação em que se apresenta na forma feminina. São as chamadas pombogira ou pomba-gira, que se manifestam nos terreiros de umbanda de forma espalhafatosa, dançando, fumando, falando palavrões. Riem alto, bebem e trazem o tema da sexualidade e da provocação sexual. Os favores relacionados à vida afetiva dos consulentes e clientes são sua especialidade. Pombas-gira tratam das dores do amor.

Existe uma transgressão explícita na forma como essa entidade manifesta-se nos terreiros, ao se apresentar como “mulher da rua”, “mulher da vida”, já que suas atitudes são reprovadas pela moral sexual do patriarcado. As normas vigentes são “agredidas”, ao se depararem com uma mulher que se utiliza de gestos largos, espalhafatosos e obscenos e tem em seu linguajar palavrões e gírias.

O gênero começa a ser imposto logo nos primeiros anos de vida: “menina senta de perna fechada, fala baixo, é gentil e recatada”, “menino gosta de azul, de futebol, é agressivo, mais forte e agitado”. Assim, o gênero passa a ser embutido na personalidade logo que a criança começa a se desenvolver, fazemos isso por osmose, sem questionamento ou reflexão. Daí a famosa citação de Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se mulher” (1949/1980, p. 9). O mesmo vale para o homem. Logo, passa a ser *queer* tudo aquilo que não se enquadra na rígida disciplina do gênero. Passa também a ser povo de Exu.

Sobre a rigidez com que o gênero é introduzida na identidade, Judith Butler escreve: “[o] gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de substância, de uma espécie de ser natural (Butler, 2003, p. 33).

Também de acordo com Butler (2003), fazer uso político da linguagem para romper e desmontar essa rigidez à qual o sujeito é

submetido sob o jugo do gênero, envolve ser conhecedor do sistema. A lei somente pode ser questionada por aquele que a reconhece. Como se afirmasse que para transformar a “matrix” é preciso agir dentro da “matrix”. Dentro, mas à margem ao mesmo tempo. Salih (2015) explica sobre o pensamento de Judith Butler:

E, contudo, diferentemente de Lacan, Butler insiste que a lei é geradora e plural, e que a subversão, a paródia e o drag ocorrem no interior de uma lei que proporciona oportunidades para a “encenação” das identidades subversivas que ela, ao mesmo tempo, reprime e produz (Salih, 2015, p. 86).

Outro conhecido *itan* sobre Exu ilustra essa característica. Conta a lenda que Olodumare mandou chamar todos os orixás. Queria saber como andavam as coisas na terra. Todos convocados. Muitos foram os preparativos, cada um preocupado em impressionar da melhor forma o deus supremo; cuidaram das oferendas, pensaram em todos os detalhes. Os orixás ocuparam-se com os trajes, os ornamentos, mas nenhum apresentou-se com o *ecodidé*, apenas Exu tomou esse cuidado e não cobriu o *ori* (cabeça), estava sem boné, chapéu, gorro ou carga. *Ocodidé* é uma espécie de pena de papagaio vermelho que deve ser colocada no alto da testa em sinal de submissão e reverência. Como nenhum outro orixá cumpriu o protocolo para se apresentar diante de Olodumaré, Exu ganhou uma série de regalias, passou a ser o primeiro a ser lembrado em todos os rituais, as primeiras honrarias e *ebós* são sempre dedicadas a essa divindade (Prandi, 2001). Isso porque, com esse gesto, ele provou que era o único que conhecia a lei e é justamente por conhecê-la tão bem que Exu tem condições de transgredir. Paradoxalmente, ele é aquele que desestabiliza a própria ordem que ajudou a construir (Silva, 2015).

Aqui mais uma vez nos deparamos com a inteligência e a astúcia, que são atributos da verdadeira malandragem. Como diria o compositor José Bezerra da Silva : “malandro é malandro e mané é mané” (Neguinho da Beija-Flor, 2000).

Judith Butler (2003) também toma esse cuidado ao atribuir para a linguagem um potencial enorme de transgressão. Insiste que o ato político deve mesmo ocorrer no interior da lei, fazendo uso dos termos que constituem as estruturas de poder com as quais o sujeito está implicado. Segundo Butler, é parte do choque e do espanto que um movimento político e social radical como o *queer* deseja causar apropriar-se de estereótipos e da linguagem vigente. Por isso:

(...) a paródia e o drag são modos de performance queer que subversivamente “alegorizam” (para usar um termo de Butler) a melancolia heterossexual, revelando, desse modo, a natureza alegórica de todas as identidades sexuais. (...) o termo “queer”, um performativo interpelativo que, de um insulto, se transformou num signo linguístico de afirmação e de resistência (Salih, 2015, p. 135).

Curioso e interessante perceber que Exu, ou sua versão feminina, a pomba-gira, também faz uso dessa estratégia nos terreiros brasileiros, ao Sul do Equador. Como enfatiza o pesquisador Vagner G. da Silva (2015), ao analisar mais de perto o comportamento dessa entidade:

Entretanto, quero enfatizar que, para além destes estereótipos, a livre expressão destes corpos diz respeito também à possibilidade de oposição à dominação pela aceitação inicial dos estereótipos, para em seguida usá-los a fim de criticar a ordem social que os gerou. A mulher feita prostituta “aceita” a prostituição para depois rir e escandalizar a sociedade que a gerou (Silva, 2015, p. 81).

Fica a sensação de que as analogias são inesgotáveis. O movimento e a instabilidade são marcas, tanto desse campo teórico quanto dessa divindade. Conta muito também do lugar inacessível, insaciável e inesgotável que eles reivindicam e representam. Salih (2015) traz uma citação de Guacira Lopes Louro, feita na contracapa do livro sobre Butler que ela traduziu, e é espantoso que a intenção de Guacira tenha sido fazer uma analogia com o pensamento de Judith Butler e a teoria *queer*, mas que não deixa nada a dever para descrever os atributos de Exu. Butler deve mesmo ter se sentido lisonjeada:

Butler é mesmo queer. O movimento e a inquietude são suas marcas. Ela não promete sossego, estabilidade, imobilidade. Ela desafia a si mesma e a nós. Ela duvida, põe-se contra o bom senso, contra-argumenta. À medida que seguimos na leitura, somos instigados a partilhar desse movimento. A irreverência queer pode ser contagiante. (Salih, 2015).

Laroyê, Exu!

Referências

- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo* (vol. 2, F. Tomaz, Trad.). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1949).
- Berry, P. (2014). *O corpo sutil de eco: contribuições para uma psicologia arquetípica*. Vozes.
- Berry, P. (2014). *O corpo sutil de eco: contribuições para uma psicologia arquetípica* (O dogma do gênero, pp. 49-68). Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2003). *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Hillman, J. (1984). *Uma busca interior em psicologia e religião*. Paulus.
- Jung, C. G. (1987). *O eu e o inconsciente*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Neguinho da Beija-Flor. (2000). Malandro é malandro e mane é mane (O poeta falou) [Música; gravado por Bezerra da Silva]. On Bezerra da Silva. Sony.
- Pereira, P. P. (2012). Queer nos trópicos. *Contemporânea*, 2(2), 371-394. Recuperado em 30 de setembro de 2025, de <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88>.
- Prandi, R. (2001). *Mitologia dos orixás*. Companhia das Letras.
- Salih, S. (2015). *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução de Guacira Lopes Louro. Autêntica.
- Silva, V. G. (2015). *Exu: o guardião da casa do futuro*. Pallas.
- Verger, P. F. (2011). *Lendas africanas dos orixás*. Corrupio. (Trabalho original publicado em 1985).

Minicurrículos: Juliana Nascimento – psicóloga clínica de orientação junguiana, estudiosa e pesquisadora de mitologias, ciências da religião e gênero. São Paulo/SP. E-mail: juliana.nasto76@gmail.com